

Repensando uma Velha Pergunta: Quem é Meu Próximo?

A Parábola de Lc 10.(25-29,)30-37 à Luz de Problemas e Perguntas Levantadas pela Ecologia

Uwe Wegner

Lc 10.25-37:

(V. 25-28)

- 25 E eis que certo homem, intérprete da lei, se levantou com o intuito de pôr Jesus em provas, e disse-lhe: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?
- 26 Então Jesus lhe perguntou: Que está escrito na lei? Como interpretas?
- 27 A isto ele respondeu:
Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento;
e
amarás o teu próximo como a ti mesmo.
- 28 Então Jesus lhe disse: Respondeste corretamente; faze isto, e viverás.

(V. 29-37)

- 29 Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: Quem é o meu próximo?
- 30 Jesus prosseguiu, dizendo: Certo homem descia de Jerusalém para Jericó, e veio a cair em mãos de salteadores, os quais, depois de tudo lhe roubarem e lhe causarem muitos ferimentos, retiraram-se deixando-o semimorto.
- 31 Casualmente descia um sacerdote por aquele mesmo caminho e, vendo-o, passou de largo.
- 32 Semelhantemente um levita descia por aquele lugar e, vendo-o, também passou de largo.
- 33 Certo samaritano, que seguia o seu caminho, passou-lhe perto e, vendo-o, compadeceu-se dele.
- 34 E, chegando-se, pensou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho; e, colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele.
- 35 No dia seguinte tirou dois denários e os entregou ao hospedeiro, dizendo: Cuida deste homem e, se alguma coisa gastares a mais, eu to indenizarei quando voltar.

- 36 Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?
- 37 Respondeu-lhe o intérprete da lei: O que usou de misericórdia para com ele. Então lhe disse: Vai, e procede tu de igual modo.

A pessoa que se dirige a Jesus está preocupada com vida plena, perene e duradoura, que na linguagem religiosa recebe o nome de “vida eterna”. Dirigindo-se a Jesus bateu no endereço certo, pois este definiu-se como sendo a vida e o doador da vida:

Jo 14.6: Eu sou o caminho, a verdade e a vida...

Jo 10.10: Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância

Jo 10.15: ... e dou a minha vida pelas ovelhas, etc.

Por isso Jesus não tem dificuldade em orientar o intérprete da lei. Uma vida duradoura constrói-se, segundo sugere a própria lei de Deus, sobre os fundamentos do amor a Deus e do amor ao próximo (v. 27). Estes asseguram vida... eterna. A convicção de Jesus não deixa margem para dúvidas: “Faze isto, e viverás” (v. 28).

A preocupação deste intérprete da lei tem uma afinidade surpreendente com o que nos inquieta e torna apreensivos ainda dois milênios mais tarde: Que fazer para ter vida plena e duradoura? O que mudou de lá para cá são unicamente as causas mais concretas que dão origem à mesma aflição. Antigamente à vida plena e duradoura encontrava-se ameaçada dentro da Palestina por uma série de fatores: O império romano invasor, a exploração econômica que empobrecia e enfraquecia o povo, discriminação religiosa e social, etc. Fatores como estes também ainda hoje representam uma ameaça à preservação da vida. Mas é inegável que fatores modernos e inexistentes na época de Jesus são o centro das apreensões atuais: a poluição da terra, água e ar; a poluição de nossos alimentos; a destruição generalizada da natureza e das reservas naturais; a desproporção entre o aumento da população e a distribuição das rendas; e concentração desordenada das pessoas em grandes centros habitacionais urbanos, etc. Uma série de novos fatores está fazendo com que a nossa oikía, a nossa casa que representa a terra, esteja tornando-se inabitável. Em suma: a vida continua ameaçada, agora mais do que nunca. Jesus dizia: “Faze isto, e viverás” (v. 28). O que, afinal, andamos fazendo para que nossa vida ficasse tão ameaçada e o seu futuro tão inseguro e perigoso?

Considerando os v. 25-28, a chave para uma 1ª resposta encontra-se no v. 27: onde não há amor a Deus e amor ao próximo a vida torna-se ameaçada. Não temos dúvida de que a falta de amor ao próximo ou a Deus levam sempre a pequenas ou grandes tragédias em nossa vida pessoal, de igreja e de sociedade. Ao mesmo tempo não deixa de ser estranho que, embora a igreja esteja pregando estes dois grandes mandamentos há séculos, da época de Jesus até a nossa pouca coisa tem mudado em termos de ame-

ação à vida na terra. Teria isto alguma coisa a ver com a natureza mais exata da nossa proposta ou da proposta do v. 27? Em outras palavras: Está nos faltando mais prática de amor ao próximo, ou nossa visão do que seja amor e do que seja o próximo também está distorcida e carecendo redefinição? Para mim tanto uma como a outra coisa estão na origem da ameaça à vida que vivemos hoje. A parábola dos v. 30-37 pode confirmar muito bem esta impressão.

Redefinindo o “Próximo”

Somos da opinião de que o trabalho de redifinição do amor e do próximo foi de extrema importância para Jesus. Não só a nossa parábola é prova disto. Já em Mt 5.46s lemos: “Se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? ... E se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais?” Na ocasião Jesus propunha: “Amái os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5.44). Em outra ocasião, trouxeram-lhe crianças para que as tocasse. Os discípulos não queriam Jesus como o próximo de crianças, em virtude do que passaram a repreender as pessoas. Foi o momento em que falou: “Deixai vir a mim as criancinhas...” (Mc 10.13-16). Ainda um outro exemplo: Quando em companhia de mesa com publicanos e pecadores, escribas dos fariseus igualmente irritavam-se com a proximidade de Jesus a esta espécie de gente. Na ocasião Jesus colocava: “Os são não precisam de médico, e sim, os doentes” (Mc 2.15-17). O mestre fazia-se, assim, num próximo de gente discriminada por religião e sociedade. Se examinássemos a vida de Jesus a partir desta ótica e pergunta, veríamos que ele foi, por excelência, o próximo de todos aqueles que a história do seu tempo havia assaltado, expropriado e pisoteado: ele tornou-se o próximo, amou e defendeu tanto prostitutas como publicanos, cegos como coxos, possessos como estrangeiros, mulheres como crianças, pobres como famintos. O grande desafio para a sua época Jesus parece ter visto no seguinte: era necessário descobrir o próximo nas pessoas de outros credos religiosos (gentios, samaritanos) classes (pobres), sexos (mulheres), idades (crianças), ideologias (zelotes, p. ex.). Nestas e em esferas de relacionamentos semelhantes via o salvador os assaltos do desamor, da impiedade e do ódio (v. 30). Era ali que a vida plena corria perigo e era ameaçada.

A tarefa de redefinir o amor e o próximo não se restringem ao século I. Em grande parte os principais desafios da época de Jesus continuam extremamente atuais: há discriminação e ódio por causa da diferença de raça, cor, idade, classe e ideologia. Mas há outros tantos desafios que, ou eram completamente desconhecidos nos inícios do cristianismo, ou não detinham na época a urgência de solução e a gravidade que apresentam hoje. Se é verdade que próximo a gente se torna na medida em que se aproxima de pessoas ou grupos com a finalidade de protegê-los e defendê-los de opres-

são e injustiça, então em termos de ecologia não pode haver mais dúvida de quem está — em nosso século XX — mais à mercê de rapinagem, exploração e assaltos: trata-se da natureza, da criação de Deus. Com muito acerto frisava já em 1985 M. Kundera:

O verdadeiro teste moral da humanidade (o mais radical, num nível tão profundo que escapa ao nosso olhar) são as relações com aqueles que estão à nossa mercê: os animais. É aí que se produz o maior desvio do homem, derrota fundamental da qual decorrem todas as outras¹.

O que vale com relação aos animais, vale também com relação às plantas, árvores, rios, solo, ar, etc.: a natureza toda está à nossa mercê. Nós podemos “guardá-la e cultivá-la” (Gn 2.15) e fazer dela um jardim: viveremos. Mas também podemos envenená-la ou transformá-la num deserto: morreremos. A julgar pelo que aconteceu nos últimos dois séculos, caminhamos na 2ª direção: a criação de Deus encontra-se envenenada, poluída, devastada, seca. A civilização ocidental, dentro da qual vivemos, não soube tornar-se um próximo para ela: tornou-se o seu salteador; “rouba-lhe tudo, causa-lhe muitos ferimentos e, retirando-se, deixa-a semimorta” (v. 30). O que se faz aqui contra a natureza, a criação de Deus, assemelha-se de tal forma ao que se faz com suas criaturas, as pessoas, que não podemos deixar de ver uma íntima relação entre estas ações. Defendemos, pois, com muitos ecologistas, que a luta cristã de hoje pela libertação dos pobres tem que abranger não unicamente o pobre-pessoa, e sim, também o pobre-conquanto criatura num sentido bem mais amplo. Com razão escreve Soffiati:

Minha opção pelos pobres é radical. Ela passa por todos os pobres, dos menos pobres aos mais pobres, até chegar ao mais pobre de todos, que é a natureza. Deixada à sua sorte, a natureza não é pobre. Ao contrário, ela é bastante rica. É como os índios, que vivem sem privações até que chegue a civilização².

Temos razões teológicas para redefinir o conceito de próximo desta forma e estendê-lo também a toda criação de Deus? É claro que temos. Basta lembrar Gn 1 e a afirmação tantas vezes repetida de que Deus reconheceu ser boa a criação por ele feita (1.10,18,21,25,31). Já apontamos também para Gn 2.15, em que não cabe ao homem destruir, e sim, guardar e cultivar o jardim. No NT temos formulada a convicção de que Cristo não é só redentor, mas também co-criador de todos e *tudo* (Jo 1.1ss; 1 Co 8.6; Cl 1.15-20; Hb 1.1-3, etc.). O NT pode afirmar de forma bem semelhante ao AT que tudo é dos homens. Mas ele o faz com uma ressalta importante: os homens não se pertencem, mas pertencem a Cristo; também Cristo, por sua vez, não se pertence, mas pertence a Deus (cf. 1 Co 3.21-23). Esta “ressalva cristológica” que faz Paulo ao nosso domínio sobre a criação, confere a ela uma dignidade toda especial: se somos de Cristo, já não poderemos mais fazer com a criação o que bem entendermos; teremos que perguntar pelo que Ele quer que façamos. De forma ainda mais incisiva do que a cristologia é, no entanto, a escatologia, o conteúdo da esperança última

dos cristãos, que nos dá a base para ampliarmos o conceito de próximo ao todo da criação de Deus. O vidente exclama em Apocalipse 21.1: “Vi novo céu e nova terra”. E o que estava sentado no trono disse: “Eis que faço novas todas as coisas”. Nestas palavras transparece uma esperança que é bem mais pretensiosa do que o anelo por uma salvação meramente restrita a indivíduos: o projeto de Deus é bem mais abrangente, visa a transformação de todos e *tudo!* Em termos bem semelhantes também se manifesta o apóstolo Paulo em Romanos 8.18-25: nesta passagem ele espera tanto “pela redenção de nossos corpos”, quanto para “que a própria criação seja redimida do cativeiro da corrupção”. Ora, ele bem sabe que “toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora” (v. 22). Se Deus tem por propósito tornar-se o redentor e salvador de toda a criação no futuro, que direito teríamos nós de excluir uma parte da criação de nossa guarda e proteção no presente?

O próximo que hoje clama por defesa e proteção não é, pois, unicamente a parte da criação restrita ao relato de Gn 1.26-28, a saber, as criaturas humanas. A criação animal, vegetal e mineral também está sendo exterminada. Estamos, assim, tendo que reaprender o que, bem antes de nós, já intuíram e reconheceram pessoas como Francisco de Assis ou nativos como os indígenas. O primeiro, em seu famoso “Cântico do irmão sol, ou das criaturas”, assim se expressava:

Altíssimo, onipotente, bom Senhor...

Louvado sejas por irmã lua e pelas estrelas...

por irmão vento, e pelo ar e nuvem...

por irmã água, a qual é muito útil...

por nossa irmã, a mãe terra, a qual nos sustenta...

Intuição semelhante pode ser registrada em vários depoimentos de indígenas. A título de exemplo, podem ser citadas palavras proferidas em 1854 pelo cacique Seattle, dos índios Suquamish, nos EUA:

Os rios são nossos irmãos. Eles matam nossa sede, levam nossas canoas, e alimentam nossas crianças. Se nós vendermos a vocês (brancos) nossas terras, devem lembrar sempre, e ensinar às suas crianças, que os rios são nossos irmãos, e irmãos de vocês também, e devem, portanto, tratar os rios como tratam qualquer irmão de vocês³.

Se levarmos a sério que não só pessoas, mas toda natureza reclama cuidado e proteção de nós, uma redefinição de quem vem a ser mais exatamente o nosso próximo no mundo atual, merece ser ainda ampliada em, no mínimo, duas direções:

Em 1º lugar é preciso se dar conta que certos elementos vitais da natureza, como p. ex. a água e o ar, não têm fronteiras definidas: águas que passam pelo Brasil, atravessam também o Paraguai e Argentina, ou o Peru e a Bolívia. O mesmo acontece com o ar que respiramos: ele é levado de um estado ao outro, atravessa países, perpassa continentes. Pensar o pró-

ximo dentro de uma situação dessas, em que água e ar podem ser poluídos, implica em redifini-lo também em termos supra-pessoais: o próximo reaparece, hoje, em forma dos outros povos, dos outros países e nações. As queimadas da Amazônia têm efeitos mundiais; a construção de uma hidrelétrica no Paraná requer consideração sobre os efeitos que terá junto aos argentinos, etc.

Em 2º lugar a devastação e depredação arbitrárias da natureza têm nos ensinado que nem tudo é renovável nesta terra. O que exterminamos com insensibilidade hoje, pode faltar para outros amanhã; o que esbanjamos no século XX, pode faltar à mesa no século XXI. Quer dizer: o próximo que pretendemos defender e proteger não está só atrás ou do lado de nós, deverá ser localizado também à nossa frente. Trata-se das gerações futuras. Nosso uso ou ab-uso da natureza vai determinar decisivamente se pensamos curto, de forma egoísta, só em nós, ou se soubemos também zelar por espaço para as gerações futuras.

Em resumo: Jesus procurou redefinir o próximo para sua época. A igreja, discípula sua, deve dar continuidade a esta tarefa, considerando sua época e situação inéditas dentro da história. Achamos que, para fazer jus aos novos desafios ecológicos, uma redefinição atual do nosso próximo deveria considerar que ele compreende

- a) não só as criaturas humanas, mas também as vegetais e animais, enfim, toda a obra criadora de Deus;
- b) não só os indivíduos que conosco convivem lado a lado, mas também os povos com os quais habitamos esta casa, a terra: a partilha da mesma água e ar requerem este entendimento;
- c) não só os que aqui conosco convivem hoje, mas sim, também as gerações de amanhã e do futuro mais longínquo: sua qualidade de vida e chances de sobrevivência estão, em grande parte, em nossas mãos.

A igreja prestaria assim um serviço à causa ecológica. Que estamos, efetivamente, dando passos importantes nesta direção fica comprovado por uma série de iniciativas a nível paroquial, distrital, regional e de IECLB, a exemplo de palestras, cursos, pronunciamentos, etc. Todas estas oportunidades são exatamente meios e canais que nos permitem testemunhar um amor que abrange o todo do mundo criado, e não somente pessoas isoladas.

Tais iniciativas são estimulantes. Simultaneamente, contudo, é inegável que, à semelhança do sacerdote e levita em nossa parábola (cf. v. 31-32), a maioria dos cristãos ainda reage insensibilizada pelo que vê acontecer à criação ao seu redor: “vendo-a, passam de largo”! O que poderia explicar este estranho descompromisso frente à devastação daquilo que Deus tem criado e julgado bom? Por que vêem os cristãos e, não obstante, “passam de largo”?

Vendo, mas Passando de Largo

Os motivos responsáveis por este tipo de atitude podem, é claro, variar de lugar para lugar, de pessoas para pessoas. Destacamos alguns:

1. Quem está depredando e devastando o meio ambiente naturalmente não tem interesse de ser considerado como explorador e insensível frente aos demais. Em razão do fato ele procura justificar sua ação, usando comumente dois argumentos principais: Primeiro, que a depredação ou poluição do meio ambiente é um mal necessário, pois que evita a recessão, gera empregos, etc. Segundo, que este mal necessário é suportável, por se tratar de um estágio passageiro na rota dos países rumo ao desenvolvimento. Ambos os argumentos são desculpas furadas. Por detrás de todo este bonito discurso está sempre o mesmo propósito: minimizar os gastos, aumentar os lucros; quem paga a conta não interessa!⁴ É só lamentável que cristãos se deixem sensibilizar por isso...

2. Outra idéia muito vendida e que faz a cabeça de cristãos relaciona-se com a crença de que a evolução técnica e científica do mundo está e estará sempre em condições de superar todos os problemas que surgirem, inclusive os ligados à proteção do meio ambiente. Isto é mentira⁵. Vários dos grandes desastres ecológicos ocorridos comprovam que a ciência sabe pouco e que a técnica não dá conta nem do essencial nas grandes catástrofes. Pior que isto é uma outra constatação: Muito daquilo que ciência e técnica poderiam contribuir como proteção ao meio ambiente, elas não o fazem: ora, o que adianta uma tecnologia avançada, se os seus donos não a usam para o bem comum, só em benefício próprio?

3. Grandes poluidores do meio ambiente, a exemplo das indústrias, costumam calar protestos e denúncias das igrejas com dinheiro: as igrejas recebem generosas doações, elevadas contribuições, etc. Quando se dão conta da coisa, já estão amarradas e... compradas. Isto é tão bem feito, que a partir deste instante um protesto contra a poluição ambiental fica parecendo uma traição à indústria, o agente poluidor.

Os teólogos, evidentemente também deram e dão a sua contribuição para a alienação dos cristãos frente aos problemas ecológicos. Uma das principais acusações contra o cristianismo a este respeito relaciona-se com sua interpretação tendenciosa e pouco cuidadosa do famoso trecho de Gênesis 1.28-30, em que ao homem é dada a ordem para encher, sujeitar e dominar sobre a terra, seus peixes, aves e animais. O perigo consiste em isolar a passagem e não considerar também que a natureza tem outras funções além das de prestar um serviço à subsistência humana⁶. Intimamente relacionado com isto encontra-se o fato de muitos teólogos permanecerem ainda por demais arraigados a concepções bíblicas antropocêntricas. Acentuam de forma exagerada o papel e as tarefas conferidas ao homem pela Bíblia. Isto

vai em prejuízo de um valor e dignidade próprias da criação, que a palavra de Deus sabe confirmar de várias maneiras: a criação é declarada como sendo “boa” (Gn 1.11s., 20s., 24-25), reflete a sabedoria divina (Sl 104.24), é conclamada a prestar louvor a Deus (Sl 148) e o homem é chamado para honrar e servir à natureza: Êx 23.5,10-12; Lv 25.3-4,7; Dt 20.19; 22.1,6s.; 25.4; Pv 12.10, etc. O NT só confirma o que já enfatizam os salmos (p. ex.: Sl 8.22): Deus sustenta a natureza (Mt 6.26) e tem propósitos redentores para com ela: Ap 21.1; Rm 8.18-25. Todos estes textos não podem, é claro, pretender nivelar simplesmente o papel das criaturas humanas com aquele que cabe ao restante dos seres criados. A criatura humana não deixa de representar algo muito especial na Bíblia: Sl 8.5 e Mt 6.30. Mas o que é preciso é deixar de lado um entendimento da natureza que não sabe concebê-la senão em sua utilidade ao homem, tirando-lhe um fim em si mesma. Aliás o maior erro do antropocentrismo encontra-se mesmo em bem outro lugar: enaltecendo e destacando de forma exagerada os deveres e responsabilidades das criaturas humanas, acaba por encobrir e minimizar o seu pecado contra a natureza. A Bíblia não tem ilusões quanto à origem dos problemas relacionados com a terra habitável: É unicamente por causa do homem e suas ações que ela é considerada como “maldita” (Gn 3.17; Rm 8.20), cheia de “luto” (Os 4.1-9), “devastada” (Is 1.4-9; cf. 24.5-6). Uma terra que não foi feita para tornar-se um caos (Is 45.18) foi, no entanto, banhada pela injustiça, carecendo de renovação (1 Pe 3.13). Caim não quis ser tutor do seu irmão (Gn 4.9); também o homem procura justificar que não assume a tutoria da natureza, muito embora Deus o tenha designado para esta finalidade (Gn 2.15)! O antropocentrismo peca, sobretudo, por encobrir uma transgressão ao 5º mandamento, o assassinato da natureza.

Duas outras concepções, seguidamente repassadas por teólogos e pregadores aos fiéis, contribuem de forma não menos decisiva para a alienação dos cristãos frente aos desafios do meio ambiente. A primeira é a concepção personalista da salvação. Absolutizada, ela restringe o reinado de Deus à conversão de corações: o mundo está perdido, importa salvar as pessoas. Mais desestimulante para uma militância ecológica é, no entanto, uma 2ª concepção: esta propõe uma rígida separação entre o espiritual, a ser salvo, e o material, passageiro e sujeito à morte. O mundo, a natureza, são pertencentes ao material, passageiro. Importante mesmo é o interior, o espiritual, a alma das pessoas: esta parte cabe resgatar e valorizar. Que esta concepção é totalmente falsa já o mostra Rm 8.1-11. Mesmo assim uma parcela significativa de cristãos ainda se encontra sob a sua influência e, por isso mesmo, pouco ligada ao meio ambiente material e concreto.

Os exemplos arrolados mostram que à igreja e teologia cabem papéis muito importantes: elas podem tanto contribuir para um desestímulo quanto para o engajamento na luta em defesa da natureza. Na parábola contada por Jesus não são propriamente os representantes do clero os que dão o exemplo de amor ao próximo caído. É preciso que um samaritano, de iden-

tidade religiosa suspeita, resolva parar e compadecer-se do assaltado. No caso da defesa à natureza não tem sido muito diferente. As causas da ecologia são abraçadas, em larga escala, por gente não ligada à igreja e suas doutrinas. Deus continua, pois, a usar ainda hoje os modernos samaritanos para nos converter a uma fé que seja atuante pelo amor e não somente brilhante em discursos.

Na Origem do Amor: a Visão e a Prática da Compaixão

A parábola insiste na importância da visão:

vendo-o, passou de largo (do sacerdote: v. 31)

vendo-o, também passou de largo (do levita: v. 32)

vendo-o, compadeceu-se dele (do samaritano: v. 33).

A visão, por si só, aparentemente não leva necessariamente à ação. Mas o ato de compaixão parece pressupor a visão. Sem ver, reconhecer e identificar no caído uma pessoa ferida, roubada e assaltada, não há ação de misericórdia. Um menino de rua ou uma pessoa que pede esmolas também podem “ser vistos” de maneira diferenciada: podem ser identificados como gente perigosa ou vagabunda, mas também como vítimas, assaltados do sistema. É mais do que claro de que a nossa “leitura”, nossa “visão” e opinião que temos sobre um menino de rua ou mendicante podem determinar substancialmente nossa maneira de relacionamento com os mesmos: Podem nos transformar em um próximo seu ou nos afastar ainda mais deles. Coisa bem semelhante ocorre em nosso relacionamento com a natureza e as coisas que ela nos oferece na forma de água, ar e alimentos. Não há nada melhor para sensibilizar as pessoas em relação ao meio ambiente do que trabalhar no sentido de possibilitar às mesmas a visão correta das coisas, a percepção do que realmente está acontecendo. Sem uma tal “nova leitura” ecológica da realidade, seremos uma presa por demais ingênua, que dá para enganar bem facilmente com um pouco de propaganda e sentimentalismo. É preciso dar-se conta de que se alguns assaltos à natureza e ao meio ambiente não podem mais ser camuflados, encontrando-se à vista de todo mundo (p. ex.: as queimadas na Amazônia), outros tantos são cometidos na calada da noite e camuflados muito bem. Assim sendo podemos achar muito gostoso o salame ou a carne que temos sobre o prato, mas mesmo assim estar ingerindo algumas substâncias tóxicas sem saber. Também a água que diariamente tomamos de nossas torneiras pode ser externamente muito limpa e vistosa, mas estar internamente poluída. Dá-se a mesma coisa com o ar. Enfim, podemos estar sendo envenenados por ignorância e desconhecimento: morreremos assassinados e achamos que foi morte natural. Uma sensibilidade ecológica que se inspire só no óbvio e perceptível a olho nu não é mais suficiente para uma defesa da natureza que tenha pretensões de eficácia. Uma “visão” correta do assalto ecológico e de

suas reais proporções pressupõe hoje a busca por informações aprofundadas em livros, palestras e debates. “Ver” hoje implica em conhecimento de causa. Sem esta última sofrerá a credibilidade da nossa mensagem a respeito.

A visão correta das coisas, a consciência ecológica, pode facilitar o necessário processo de conversão: passar de um mero espectador do assalto (“viu, e passou de largo”) para transformar-se em defensor e protetor do assaltado:

...e, vendo-o, compadeceu-se dele.

E, chegando-se, atou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho. E, colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele.

No dia seguinte tirou dois denários e os entregou ao hospedeiro, dizendo: Cuida deste homem e, se alguma coisa gastares a mais, eu to indenizarei quando voltar (v. 33-35).

O samaritano faz a sua parte. Ele não transfere simplesmente responsabilidades, embora as divida com um hospedeiro.

A defesa do meio ambiente tem que ser feita exatamente nestes dois níveis: no pessoal e no coletivo. Há responsabilidades e tarefas que nos competem diretamente e são intransferíveis. Elas não resolvem o problema em sua amplitude maior; atacam também, por vezes, meramente os sintomas, não as causas mais profundas. Mas trazem duas grandes vantagens: aumentam nossa própria sensibilidade e engajamento. E, sobretudo, tornam mais acreditáveis e confiáveis o que defendemos com a boca. Em caso contrário deixaríamos a impressão daqueles que gostam de arrumar e limpar a sujeira em todos os lugares, desde que não seja na própria casa.

A nossa contribuição pessoal à ecologia pode ser diversificada. As sugestões comumente apresentadas concentram-se bastante na proposta de uma “nova ética de consumo”, em que virtudes como a poupança, conservação e simplicidade sejam ensaiadas⁷. Carlos C. Aveline, em seu já citado caderno de estudo “Como proteger o ambiente natural” refere-se a uma série de “pequenos detalhes” que poderiam representar uma valiosa contribuição pessoal à causa da ecologia. Transcrevemos aqui algumas dessas recomendações:

No plano físico, os novos hábitos de alimentação parecem apontar para um futuro menos hipócrita e mais harmonioso e incluem não fumar, comer alimentos integrais, açúcar mascavo, pouca ou se possível nenhuma carne...

Use carro pequeno ou moto. Carro sempre bem regulado, para poluir menos. Ande a pé ou de bicicleta. Use transporte coletivo. Faça campanha pelo controle da fumaça dos ônibus e caminhões mal regulados. Não use inseticidas e aerosol, que destroem a camada de ozônio. Nunca queime lixo.

Use sabão em barra, ou em todo caso, sempre biodegradável. Evite gastar água em excesso, especialmente no verão, no seu jardim ou lavando carros. Certifique as torneiras que começam a pingar.

Opte pela reciclagem dos seus resíduos sólidos. Compre bebidas em garrafas

de vidro, que são usadas permanentemente. Use várias vezes a mesma sacola de papel. Use os plásticos mais de uma vez. Na medida do possível, não compre produtos pré-embalados. Deveríamos pressionar contras as embalagens desnecessárias em plástico e papel.

Use toalhas laváveis e guardanapos de pano, não de papel. Colete o lixo orgânico da sua cozinha (alimentos, cascas, verduras não aproveitadas) amonte-os e os use como adubo natural no seu jardim⁸.

No plano supra-pessoal as oportunidades para somar esforços com outras pessoas são igualmente abundantes. Pode-se formar associações de defesa ao meio ambiente ou associar-se a entidades ecológicas já estabelecidas. Há possibilidades de organizar ou participar de passeatas, manifestos e abaixo-assinados, etc. As ações conjuntas são indispensáveis pois geram publicidade em torno dos problemas, detendo um poder bem maior de pressão. Exercícios de co-responsabilidade estimulam e reforçam também os compromissos assumidos individualmente. Sobretudo: ações coletivas em defesa do meio ambiente, por terem força e representatividade maiores, podem resolver mais facilmente também as causas geradoras da depredação e poluição, não unicamente os seus sintomas.

Um Cuidado Todo Especial

Tornar-se o próximo de uma natureza explorada e assaltada requer cuidados especiais. Quem lê atentamente os v. 34s. percebe que Jesus tem interesse em destacar que tornar-se um próximo é estar disposto a investir em tempo, material e dinheiro para aquilo ou aqueles em cuja defesa optamos por trabalhar. É simplesmente escandaloso o contraste apontado por C. Minc entre a dedicação (pra não dizer veneração) prestada atualmente aos automóveis particulares e o desprezo pelas necessidades que tem a natureza de espaço e ambiente para poder desenvolver-se. Não sem ironia escreve ele:

O transporte moderno mata atualmente cerca de 300 mil pessoas no mundo. No Rio de Janeiro e em São Paulo os acidentes de transporte e atropelamentos são a principal causa da mortalidade dos jovens entre 6 e 14 anos.

Chegamos ao aparente contra-senso, à contraprodutividade social dos transportes: em 1986 teremos 14% de nossa área plantada para “alimentar” o tanque dos automóveis, que utilizarão 20% da área construída dos novos edifícios para “dormirem”, continuarão sendo o principal assassino de jovens, e circularão na hora do “rush” à média de 8 km por hora — menos que a velocidade do cavalo!⁹

Teriam realmente os automóveis um valor tão desproporcionalmente maior do que a natureza vegetal e animal? A *Prece da árvore*, de autoria de Walter Rossi, é a resposta mais contundente a esta pergunta. O seu conteúdo é o seguinte:

Ser humano, protege-me!

Junto ao puro ar da manhã ao crepúsculo, eu te ofereço:
aroma, flores, frutos e sombra!

Se ainda assim não te bastar, curvo-me e te dou:

proteção para teu ouro, pinho para tua nota, teto para teu abrigo, lenha
para teu calor, mesa para teu pão, leito para teu repouso, apoio para teus
passos, bálsamo para tua dor.

E te acompanharei até a morte...

Rogo-te: não me maltrates!¹⁰

Temos, assim, razões de sobra para mudar a maneira de relacionamento e valorização da natureza. A natureza, pelo que representa para nós e em si mesma, nunca mereceu o tratamento que a ela dispensamos. -É necessário ter primeiramente uma clareza muito bem definida quanto a isto, para perceber que também a parte de dinheiro que nos custa a defesa da ecologia, não pode ser encarada como perda: ela comprova, isto sim, que finalmente reconhecemos a profunda riqueza que a preservação da natureza passou a representar para nossas e outras vidas. Assim a instalação de antipoluentes nas indústrias evidentemente encarece os custos de produção, mas enaltece a vida. A alimentação natural, via de regra, é mais cara que a usual. Veículos com dispositivos antipoluentes também costumam ter preços mais elevados, e assim por diante. A verdade é que o samaritano entendeu dever materializar também financeiramente o seu amor ao próximo. A preservação da natureza e a proteção ao meio ambiente estão a pedir de nós a mesma coisa: um compromisso que perpassasse também o bolso e a carteira, não só a cabeça e o coração.

Antes Prevenir do que Remediar

A história da parábola de Jesus conta um mal que já ocorreu. O assalto está consumado. O assaltado está semi-morto. Os assaltantes deram no pé. Trata-se agora de reparar ou não um mal feito.

É lamentável que a luta ecológica necessite concentrar-se por demais em remediar, e não tanto em prevenir. Órgãos ambientais ligados ou não aos governos concentram-se “necessariamente na reparação de estragos já causados: reflorestamento, regeneração de terras desérticas, reconstrução de ambientes urbanos, restauração de habitats naturais e recuperação de regiões agrestes”¹¹. Esta prioridade de remediar estragos advém da proporção alarmante e generalizada em que ocorrem. Esta proporção, por sua vez, não se explica pela natureza das pessoas (índios, p. ex., não depredam o meio ambiente!), e sim, pela natureza do sistema sócio-econômico a que pertencem: um sistema que defende o livre mercado, a livre concorrência e a aquisição do maior lucro possível é, pela natureza mesmo dos seus princípios, desestimulante para o cuidado e a defesa da natureza e dos seus recur-

sos. Ir às causas últimas do “assalto à natureza” significa, pois, repensar todo um sistema político e social dentro do qual vivemos. Não querer ir até estas últimas conseqüências será optar pela perpetuação da aplicação dos remédios, não pela cura da ferida.

É verdade que as amostras dadas dentro dos países socialistas não são muito mais estimulantes. Talvez a abertura democrática que vivem países como os do leste europeu proporcione condições desejáveis de protesto e livre expressão, através das quais denúncias e pressões por parte da população possam contribuir para a defesa ecológica também nestas nações. O socialismo tem, no entanto, para a ecologia, uma grande vantagem frente ao capitalismo: são os seus princípios. Estes, aplicados à economia, distribuem a renda e dão participação na propriedade da terra e das indústrias. O que falta é unicamente a determinação para estender estes mesmos princípios também à natureza¹². Diferente no capitalismo:

De fato, se aplicado o princípio do máximo rendimento, sem se atender a outros critérios, o homem entra num círculo implacável de destruição. Para obter maior lucro, impõe-se criar necessidades artificiais; para atender às necessidades artificialmente criadas, impõe-se uma maior produção, com um mínimo de despesas. Daí as concentrações urbanas e industriais, a especulação imobiliária, a incúria pelos efeitos danosos ao meio ambiente¹³.

A partir do exposto, acreditamos ter razão Soffiati quando conclui:

Na verdade, o ecologismo não pode ser entendido sem o socialismo. Ele não está nem antes, nem fora, nem contra o socialismo, mas adiante dele. É socialismo, mas não se detém nele. Ao ir adiante, liberta não só os homens mas mantém a natureza¹⁴.

Se Soffiati tem razão, talvez necessitemos todos de muito fôlego ainda para que possamos passar dos remendos à roupa nova, do apagar dos fogos para o “cuidado e cultivo do jardim” (Gn 2.15). Até lá continuaremos a repensar a prática do samaritano, procurando atentar para a interpelação de Jesus no final da história:

“Vai e procede tu de igual modo” (v. 37).

Uma Velha História Vai se Repetir?

...e veio cair em mãos de salteadores, os quais, depois de tudo lhe rouba-rem e lhe causarem muitos ferimentos, retiraram-se deixando-o semimorto (v. 30).

Quem conhece um mínimo de história sabe que a América Latina, a riqueza dos seus solos, de suas matas e dos seus rios, sofre 5 séculos de rapina, roubo e assalto. A começar pelos portugueses e espanhóis até os modernos assaltantes de nossas terras e águas, a história tem se repetido num ponto comum: rouba-se nossa flora e fauna, nossos minérios, explora-se as riquezas desta terra das maneiras mais irresponsáveis e assassinas, e de-

pois vai-se embora, deixando a nós e ao nosso país aridez, seca, poluição, envenenamento, penúria. Livros como o de Eduardo Galeano, “As veias abertas da América Latina”, contam entre os testemunhos fiéis desta triste realidade.

Pelo que tem colocado e declarado várias vezes o governo recém empossado, o Brasil pretende dentro dos próximos anos tornar-se novamente atrativo para os investimentos estrangeiros e o capital internacional. O Brasil pretende “abrir-se para o mundo”. Quem sabe velhos investidores, que já nos conseguiram deixar “semimortos” com o volume a que fizeram chegar nossa dívida externa, sintam-se estimulados e reconhecidos com esta política. Resta saber se desta vez a história vai se repetir novamente. E se o pouco que nos resta em flora, fauna e riquezas minerais acabe mais uma vez em mãos daqueles que nunca tiveram nem pretenderam ter amor ao próximo natureza, e sim unicamente ao lucro elevado que é possível extrair com sua exploração...

Notas

- 1 A frase encontra-se em seu livro “A insustentável leveza do ser”. Citado de: Arthur Soffiati: Ecologia. Reflexões para debate. São Paulo, Paulinas, 1988, p. 34.
- 2 Cf. A. Soffiati, op. cit., na capa 4.
- 3 Citado de Carlos C. Aveline, Como proteger o ambiente natural, 2. ed., 1989, p. 26.
- 4 Cf. a crítica detalhada aos argumentos em A. Soffiati, op. cit., p. 90-99.
- 5 Cf. a crítica à esta idéia em Carlos Minc. Como fazer movimento ecológico e defender a natureza e as liberdades. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1985, p. 56-62; Antônio Moser. O problema ecológico e suas implicações éticas. Petrópolis, Vozes, 1984, p. 22-27; 69ss.
- 6 Cf. a crítica de Soffiati à interpretação usual de Gn 1.28-30: “A natureza foi, assim criada para servir ao homem, que se coloca fora dela e se considera seu dono. Esta concepção, altamente ideológica e atualmente sem nenhum respaldo científico... conferiu a todos os povos convertidos... uma enorme capacidade de destruição do meio ambiente. Por mais que a igreja, atemorizada pelos problemas ambientais que ela mesma ajudou a criar e agravar, se esforce agora em demonstrar que a passagem acima citada indica apenas que Deus concedeu ao homem o direito de usufruir racionalmente da natureza, a essência do cristianismo permaneceu a mesma, através dos séculos...: a natureza não existe em si, só adquirindo sentido na medida em que serve de cenário e sustento para a humanidade e mais especificamente para a caminhada do povo de Deus rumo à salvação”: A. Soffiati, op. cit., p. 127.
- 7 Cf. p. ex. o artigo de G. U. Kliewer: O homem criador e o homem consumidor, in Estudos Teológicos, São Leopoldo, 20 (1):29-40, 1980.
- 8 Carlos C. Aveline, op. cit., p. 12.
- 9 Carlos Minc, op. cit. (nota 5), p. 52.
- 10 Extraído do Manual da campanha da fraternidade de 1979: Preserve o que é de todos, p. 133.

- 11 Extraído do documento “Da terra ao mundo. Visão panorâmica da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento”, p. 11. Este documento foi distribuído por ocasião do Encontro da Federação Luterana Mundial em Curitiba, fevereiro de 1990.
- 12 Cf. A. Soffiati, *op. cit.*, p. 43.
- 13 Cf. A. Moser, *op. cit.* (nota 5), p. 47.
- 14 Cf. A. Soffiati, *op. cit.*, p. 35.